

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15612 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS MIGRANTES HAITIANAS EM SANTA CATARINA:
A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO

Ana Paula Silva - Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Florianópolis

ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS MIGRANTES HAITIANAS EM SANTA CATARINA: A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO

RESUMO: O presente resumo expandido inscrito na modalidade trabalho e submetido ao Grupo de Trabalho Educação e Relações Étnico-Raciais (GT16) da XV Reunião Regional da ANPEd – Sul, tem como tema “Educação de crianças migrantes haitianas em Santa Catarina: a importância da representação”. O texto apresenta um pequeno recorte da pesquisa de doutorado realizada com crianças migrantes haitianas matriculadas nos anos iniciais de uma escola estadual da cidade de Florianópolis no ano de 2021. Concluída em 2024, a pesquisa buscou compreender como opera a lógica da diferença na escolarização das crianças migrantes. Além dos aspectos relacionados à conjuntura política e educacional, foram analisadas práticas de acolhimento, ensino-aprendizagem e socialização, das quais emergiram questões significativas como raça e representação. Nesta perspectiva, o recorte escolhido tem como objetivo apresentar a análise de como a presença de uma professora negra retinta impactou positivamente a avaliação das crianças sobre diversidade favorecendo o respeito às diferenças e a inclusão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Escolarização. Crianças Migrantes. Haitianos. Raça. Representação.

Após o abalo sísmico que atingiu o Haiti em 2010, houve um aumento da matrícula de crianças haitiana nas escolas brasileiras. Este fenômeno migratório refletiu na ampliação das pesquisas sobre os processos de escolarização desta população, sobretudo sobre a aprendizagem da língua portuguesa. As realidades constatadas e os resultados apresentados pelas pesquisas demonstraram que, apesar dos avanços trazidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), (Brasil, 1996), as escolas continuam reproduzindo um modelo pedagógico baseado em concepções que se chocam com os princípios da diferença e da diversidade humana referendados pela ampla legislação nacional.

Com base no exposto, a pesquisa que deu origem ao recorte que lhes será apresentado buscou responder como opera a lógica da diferença na escolarização das crianças migrantes haitianas em uma escola estadual do município de Florianópolis, Santa Catarina. Com foco na escolarização, o estudo procurou contribuir para o debate acerca da educação de migrantes, sobretudo no tocante aos direitos de ser, conviver e aprender com dignidade e respeito às diferenças na escola pública. Nessa perspectiva, o repertório teórico que fundamentou a ideia

de escolarização teve como base a Teoria Histórico-Cultural, (Vigotski, 2017), conectando-a com a premissa de que as crianças são produtoras de cultura (Corsaro, 2011).

Para alcançar tal feito, adotou-se a pesquisa qualitativa crítica como abordagem metodológica (Freire, 2019; Willis, 1977). Essa forma de fazer pesquisa tem como eixo central o entendimento da realidade como uma construção social interseccionada por questões relacionadas à comunicação, à identidade e à subjetividade humana, condicionadas pelo contexto histórico e por valores políticos, culturais e econômicos, tendo como finalidade a produção de conhecimento para a mudança política e social (Carspecken, 2011). Os métodos de coleta de dados foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante, entrevistas semiestruturadas, desenhos, diário de campo e registros via aplicativo WhatsApp.

O trabalho de campo ocorreu entre junho e dezembro de 2021, período em que foi realizada a observação participante em duas turmas: um 2º ano e um 3º ano do Ensino Fundamental I, ambas com crianças imigrantes matriculadas. Além da observação participante, foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas, sendo quatro delas com as docentes, duas com as gestoras da escola e duas com os familiares das crianças haitianas. Também foi aplicado um questionário que envolveu todas as crianças das duas turmas.

Os conhecimentos construídos ao longo da pesquisa possibilitaram o entendimento de que a escolarização é um processo articulado entre as práticas de acolhimento, de socialização e de aprendizagem, que se dá pela vivência em um ambiente coletivo e organizado para o compartilhamento dos conhecimentos produzidos socialmente e para o desenvolvimento biopsicohistoricossocial, com respeito às diferenças e à diversidade humana, tendo como protagonista toda a comunidade escolar atuando em colaboração para a transformação e mudança social.

A reunião dessas três dimensões sugere que a escola deve lançar um olhar integral sobre os estudantes, compreendendo o desenvolvimento sob o aspecto biológico, relacionado ao funcionamento do organismo e seus processos vitais; o aspecto psicológico, relativo ao comportamento e aos processos mentais, incluindo emoções, pensamentos, percepções e interações sociais; e ao aspecto histórico, porque considera os eventos que antecederam a chegada das crianças na escola, suas trajetórias migratórias e experiências de migração; e, por fim social, o aspecto que analisa as condições materiais, culturais e espirituais das crianças.

Em se tratando da escolarização de crianças negras em Santa Catarina - o estado mais branco do Brasil e fortemente identificado com valores da extrema-direita – a representação torna-se um fator de grande importância na formação das subjetividades. Embora houvesse entre os haitianos a crença de que no Brasil não há discriminação racial, sabemos que na realidade não é isto que acontece. Os negros do Brasil continuam ocupando postos de trabalho com as piores remunerações, aspecto que se agrava quando analisadas as condições de trabalho e renda das mulheres negras (DIEESE, 2023).

Reflexo de uma sociedade que se estruturou com base na escravidão, o mito da democracia racial escamoteou os efeitos nefastos desse sistema, e a ausência de políticas reparatórias aprofundou a desigualdade entre brancos e pretos. A ideologia dominante criou e perpetuou estigmas acerca da população negra a partir do uso do conceito de raça como instrumento de opressão (Nascimento, 2016).

Esses aspectos, reunidos, circunscreveram os papéis sociais dos negros no Brasil – trabalhadores(as) braçais e domésticas. Neste contexto insere-se Violeta, uma das quatro docentes entrevistadas, regente da turma de terceiro ano dos anos iniciais e uma das poucas mulheres negras retintas da escola que não integram a equipe de limpeza. Violeta é professora de Kênia, filha de Maritane - negra retinta, mãe de cinco filhos, quatro deles vivendo no Haiti, para quais envia toda a renda que pode economizar do parco salário que recebe como ajudante de cozinha.

A entrevista com Violeta aconteceu no intervalo da aula, na própria sala. Estávamos visivelmente desconfortáveis por estarmos a sós. Desculpei-me por atrapalhar o fluxo do trabalho e agradei pelo tempo disponibilizado a mim. Disse que não pretendia fazer muitas perguntas e que ela poderia escolher se iria responder ou não.

Comecei perguntando-lhe sobre sua trajetória. Filha de uma cozinheira e de um pintor, Violeta disse-me que estar na escola era a realização de um grande sonho. Antes de começar a estudar, foi casada e viveu uma relação abusiva. Moradora de morro, mãe de seis filhos e arrimo de família, levava uma rotina bastante extenuante, que começava antes do sol nascer e só tinha fim quando a lua havia alcançado o seu cume.

Assim como Kênia, Violeta é preta. Do mesmo modo que Maritane, ela precisa deixar os filhos na escola e nos projetos sociais. Ambas sabem o que é ter de subir o morro depois de um dia longo de trabalho e, ao chegar em casa, iniciar um novo turno de cuidados com o lar. Embora desconheçam os detalhes da história de vida uma da outra, elas são atravessadas por similitudes que geram a identificação, favorecendo a empatia. Mesmo que essa simpatia não se manifeste publicamente, elas sabem que há algo entre elas que as une e que as diferencia das demais.

Um dia estava na casa de Mari e conversava com Kênia sobre a escola. Na ocasião, ela me contava que não tinha nenhuma criança preta na sua sala, mas que sentia orgulho de ser a única a ter a pele escura. Gosto que lhe foi ensinado pela mãe. Nesse momento, Maritane tomou a palavra lembrando: “Sua professora é preta também”.

Violeta é uma das poucas professoras negras da escola e, como mulher preta, sabe das dificuldades enfrentadas para ser respeitada. Certa ocasião, comentou comigo que tinha a sensação de que precisava andar com o seu certificado (de professora) pendurado. Quando lhe perguntei o porquê, respondeu: “[...] *por conta de que as pessoas não acreditam, não sei se com outras, mas comigo é assim, sabe?*”. Sorri amarelo, num gesto de aquiescência. À medida que fomos nos sintonizando, senti-me à vontade para lhe perguntar sobre sua antiga

profissão:

Eu era faxineira, e vivia uma situação de e [pausa], internamente, me tratava como uma coitada. – “Ai, por quê?”. Colocava a culpa na sociedade, né? (Violeta)

Aguerrida, tomou para si a responsabilidade por todas as dificuldades que passou na vida e também pelas suas conquistas, sendo enredada pelo discurso da meritocracia. Por outro lado, ao tratar a mudança de vida para melhor como mérito pessoal, Violeta coloca-se como protagonista de suas conquistas e responsável pelo curso da sua vida. Mostrou saber aproveitar as oportunidades que passaram pela frente, mesmo que estas tenham aparecido tardiamente.

A percepção de Violeta acerca dos olhares dos outros sobre sua nova ocupação não é paranoia. É uma constatação feita com muita propriedade por aqueles que carregam consigo a cor escura na pele e que desafiam subverter a divisão racial do trabalho estabelecida na sociedade brasileira (Gonzales,2020). Sua presença como professora do terceiro ano confronta a lógica da divisão trabalho dominante na escola, oferecendo às crianças outra imagem sobre as possibilidades de atuação profissional das mulheres negras.

O discurso de Violeta também se distinguiu dos discursos das demais professoras entrevistadas: em nenhum momento ela falou sobre amor, carinho ou afeto. Sua postura em sala é pragmática. Durante as aulas, pude observar que ela buscava manter um tom de naturalidade em relação aos acertos e erros cometidos pelas crianças. Seu tom de voz e seu corpo (embora baixinha) formavam a pura imagem da autoridade. Quando lhe perguntei sobre sua atuação, respondeu-me que estudou semipresencial e que a faculdade não lhe ensinou a lidar com os estudantes que apresentam dificuldades.

A faculdade pode não a ter ensinado, mas vida lhe ensinou “estratégias de sobrevivência” (Gonzales, 2020). Violeta evitava manifestações muito calorosas, elogios ou broncas públicas, cuidava do gesto e do olhar, temia ser mal interpretada e, com isso, parecia contida demais. Por outro lado, mostrou-se orgulhosa de si e valorizadora de sua negritude: “*Sou afrodescendente, tenho que estar por dentro do que acontece com os da minha raça*” (Violeta). Atribuo a ela o modo pelo qual seus(suas) alunos(as) responderam ao questionário de seis questões, cujo objetivo era avaliar a percepção do grupo sobre seus integrantes.

O terceiro ano era composto por 22 crianças, sendo 19 brasileiras e 3 migrantes: Júlio, venezuelano; Ana, argentina; e Kênia, haitiana. A sala era composta por 13 meninas e 9 meninos, de acordo com o sexo atribuído no nascimento. Diferentemente da turma do segundo ano, a maioria da sala é branca (13), 8 crianças são pardas e apenas Kênia é preta.

No item 1 (sobre quem você mais gosta), todas as crianças foram citadas ao menos uma vez; no item 2 (quem são seus melhores amigos), das 22 crianças, 19 foram indicadas – das 3 crianças que não obtiveram nenhuma indicação, duas são brancas; no item 3 (quem é o

mais bonito da sala), 21 crianças receberam ao menos uma indicação, a professora também apareceu como uma das indicadas; no item 4 (o mais divertido), houve 16 indicações; no item 5 (sobre o mais inteligente), Joel, migrante venezuelano, o qual a professora afirmou ter muitas dificuldades, apareceu entre os mais votados; e, por fim, no item 6 (sobre quem não convidar para uma festa), 12 crianças foram indicadas, das quais 9 são brancas – entre as três crianças negras, está Ronaldo, o campeão geral de votos, fato que se justificou, pois este sempre está envolvido ou criando encrenca com as demais crianças.

Os(as) alunos(as) de Violeta eram barulhentos(as) e apresentavam dificuldades para se concentrar nas aulas. Ao longo de minhas observações, foram alvo de inúmeras correções, e durante a aplicação do questionário também. Porém, ao serem convocados(as) a expor suas percepções, mostraram ter bom relacionamento com seus pares, boa autoestima e serem pouco influenciados (as) pelos estigmas raciais (aspecto que marcou profundamente a sala de segundo ano). Diferentemente da outra turma observada, as respostas emitidas pelas crianças do 3º ano demonstraram que a cor ou a nacionalidade das crianças não foram utilizadas como um critério de exclusão - seria isso mais um mérito de Violeta?

O que posso afirmar, é a relevância da docente em termos de representação. Violeta é uma figura necessária, porque confere à Kênia e às demais crianças um modelo que desafia a lógica da divisão racial do trabalho presente na escola, na qual professoras e gestão são predominantemente brancas, enquanto a equipe de trabalhadores e trabalhadoras da limpeza é composta predominantemente por haitianos e haitianas, todos pretos retintos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996. Estabelece as diretrizes e as bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, Seção 1, p. 28733, 23 dez. 1996.

CARSPECKEN, Phil Francis. Pesquisa qualitativa crítica: conceitos básicos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 395-424, 2011

CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; CAVALCANTI, L. Considerações finais: características sociodemográficas e laborais da imigração haitiana. *In*: CAVALCANTI, L. *et al.* **A imigração haitiana no Brasil**: características sociodemográficas e laborais na Região Sul e no Distrito Federal. Brasília: OBMIGRA, 2016. p. 144-149

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Armed, 2011.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Especial 20 de novembro – Dia da Consciência Negra. **Diecee**, Brasília, 17 de novembro de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: VYGOTSKY, L. S., LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

WILLIS, Paul. **Learning to Labor**: how working class kids get working class jobs. London: Gower, 1977.